

A ARTE DOS BIJAGÓS, “BAKA BRUTU”**Medilanda Eliseu Amós Tubento¹****Luis Tomas Domingos²****RESUMO**

O artigo “Arte dos bijagós, Baka-brutu” é uma descrição sobre a arte do povo bijagó, este que vive nos arquipélagos situado na Costa Ocidental do continente africano localizado no país Guiné-Bissau, se pretende propor algumas discussões sobre o uso das artes, com recorte a máscara Baka-brutu como uma arte utilizável, ao mesmo tempo uma obra da arte a ser apreciada, as diversificações contextuais da arte, a sua presença é cotidiana nos costumes, rituais e dia a dia dos bijagós. O artigo se baseia na pesquisa qualitativa, tendo fundamentos nas bibliografias existente sobre a arte, os bijagós e suas artes, algumas referências como artigos, dissertações e livros compõem elementos para o uso da realização do trabalho. Com realizar algumas entrevistas com os “kabaros” que usaram a máscara de Baka-brutu, no período da realização do trabalho de campo para trabalho final da dissertação. As obras de arte dos Bijagós mostram a inteireza entre a vida e as suas circunstâncias geográficas, inclusive a do meio ambiente, então as manifestações artísticas são praticadas em profundo acordo com os recursos naturais do arquipélago ameaçado pela especulação da pesca industrial da Europa e da Ásia, (MUSEU AFRO BRASIL-2008, p.03). As suas artes mostram o cumulo do conhecimento que carrega os saberes fundamentais para embasar artes colocadas a margem, quebrando a dicotomia colocada entre a arte e o artista, mas também fundamental a compreensão de que arte pode ser utilizável, sagrado, e lúcido ao mesmo tempo, o que traz mais significados a obra, o apreciar ao ponto de se perder na profundidade dela, e sem perder a sua sacralização.

Palavras-chave: Arte; Bijagós; Mascara.

UFC-UNILAB, IH, Discente, medilanda@outlook.com¹

UNILAB, IH, Docente, luis.tomas@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

O presente artigo “Arte dos bijagós, Baka-brutu” é uma descrição sobre a arte do povo bijagó, este que vive nos arquipélagos situado na Costa Ocidental do continente africano localizado no país Guiné-Bissau, se pretende propor algumas discussões sobre o uso das artes. Tendo como recorte a máscara Baka-brutu como uma arte utilizável, ao mesmo tempo uma obra da arte a ser apreciada, mas também arte sagrada, as diversificações contextual da arte, a sua presença é cotidiana nos costumes, rituais e dia-a-dia dos bijagós.

A questão da utilidade cotidiana que é ofensiva à sensibilidade estética ocidental, essa ideia da utilidade cotidiana dos objetos de arte é odiosa à sensibilidade antropológica, porque vai contra saber convencional ocidental de que arte é uma esfera de atividade distinta da cotidiana, ou seja, pertence ao domínio do ritual, e não da vida cotidiana, diz Joanna Overing (2020, p.64). Esta afirmação mostra o discurso universalizante e naturalista que os ocidentais possuem sobre a arte, estética como padrão para todos.

Rafael do Canto (2020), “não precisaríamos de muitos exemplos para definir quais são as obras de arte, as músicas, as esculturas e os tipos de dança que figuram no imaginário ocidental como sendo exemplos de cultura”. Ainda continua, “Não seria necessário fazer uma enquete para descobrir que a Mona Lisa é uma pintura que agrega “cultura” em sua definição, que o Ballet pode ser chamada de uma dança “cultural” e que o David de Michelangelo é uma “verdadeira” escultura digna de ser classificada como uma obra “cultural”, infelizmente, essas graduações ou classificações são dadas não apenas por aqueles que as definem como “as” obras culturais, mas também por aqueles que as veneram e que não conseguem identificar as características de suas culturas”, (CANTO- 2020, p.53).

Se vemos na área de antropologia, “a pior coisa a respeito da “antropologia da arte”. tal como está constituída, é precisamente a maneira como ela herdou uma definição reacionária de arte. de tal modo que ela tem que se preocupar com objetos que teriam sido classificados como “arte” ou, mais provável. como “artesanato”. no começo deste século. mas que têm pouco ou nada a ver com os tipos de objetos (instalações. performances) que. caracteristicamente. são veiculados como “arte” no final do século XX uma mudança que não traria retrocesso mais sim um avanço para antropologia, (GELL-2001, p.118).

Os bijagós são escultores por excelência, cuja grande vitalidade de seu imaginário pode ser vista nos exemplos dessas esculturas naturalistas que mostram a tradução da rica fauna da terra e do mar desse arquipélago da Guiné-Bissau, Museu Afro Brasil (2008, p.03). O termo Bijagó é a de que terá provindo da junção de “Ojogo” que na língua local significa pessoas íntegras, em oposição aos irracionais Madeira (2019, p. 72). Ou seja, no saber Bijagó, todas as pessoas que não comportam de forma racional, decente e conveniente não podem ser, e não são, por conseguinte, um Ojoco, e não pertencem ao grupo humano, mas sim ao reino animal, (CARDOSO-2009, p.45).

METODOLOGIA

O artigo se baseia na pesquisa qualitativa, tendo fundamentos nas bibliografias existente sobre a arte, os bijagós e suas artes, algumas referências como artigos, dissertações e livros compõem elementos para o uso da realização do trabalho. Com realizar algumas entrevistas com os “kabaros” que usaram a máscara de Baka-brutu, no período da realização do trabalho de campo para trabalho final da dissertação. A intensão das entrevistas era recolher no máximo possível a informações concernentes ao uso, a utilidade, a importância, da máscara Baka-brutu claro respeitando a integridade do entrevistador, uma vez que sou uma mulher estou ciente de que é inviável a passas são de informações secretas a qualquer uma mulher.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As obras de arte dos Bijagós mostram a inteireza entre a vida e as suas circunstâncias geográficas, inclusive a do meio ambiente, então as manifestações artísticas são praticadas em profundo acordo com os recursos naturais do arquipélago ameaçado pela especulação da pesca industrial da Europa e da Ásia, (MUSEU AFRO BRASIL-2008, p.03). A pintura, escultura, danças são algumas dentre outras atividades artísticas ligadas aos bijagós, diferente dos ocidentais esses elementos culturais se apresentam como elementos vivos e ativos na sociedade são parte do cotidiano e da vivência de seus indivíduos, como a casa, os espaços comuns, as canoas, os utensílios domésticos são adornados e constituem uma importante parte da cultura dos bijagós, Canto (2020, p.29). Há capacidade produtiva, desenvoltura para produzir determinado artefato, mas principalmente pela importância que essas esculturas possuem na sociedade. As esculturas podem ser de diversos tipos e modelos”. Assim grande parte das esculturas produzidas pelos bijagós acaba por conter um determinado significado dentro do grupo. Sendo assim, muitas delas são passadas ao longo do tempo, de pais para filhos (CANTO- 2020, p.53-54).

Quando a sua apreciação no mundo urbano ocidental se torna apenas uma produção artística, para os bijagós passa desse conceito pois há interferências religiosas, histórica etc. são eles com elementos da madeira, como também barro misturado com conchas trituradas, pequenos pedaços da madeira, também as fibras das folhas fazendo com que a durabilidade seja considerável. O clima úmido encharcado em alguns períodos, a proximidade com o mar, o ar salobro contribui também na durabilidade das produções, embora destaque-se também o saber importante da madeira passada de geração em geração, uma vez que a sociedade se predomina a tradição oral.

Muito embora alguns pesquisadores fazem menção de distinguir e separar as produções artísticas, em aqueles são utilitários, lúdicos e sagrados, por exemplo trabalho do Semedo (2015, p. 15) em que,

-Os utilitários “reúne um conjunto de peças que fazem parte de artefatos bijagós produzem e utilizam no seu dia a dia para assegurar modos de vida que lhes são identitário, para garantir outras necessidades domésticas que lhes possibilitam construir o bem-estar sociocultural da família, da comunidade ou mesmo dos guineenses”;

-Os lúdicos, além do trabalho mediante o qual procura dar significado à sua existência, encontra nos momentos de lazer espaços próprios para afirmar a sua identidade, através de exibição de peças, máscaras e/ou adornos que são associados a determinadas danças. É sobretudo pela forma de trajar e dançar em eventos culturais e religiosos que a mulher e o homem granjeiam parte da admiração e reconhecimento comunitários e;

-Os sagrados, crente numa forte ligação transcendental com espíritos ancestrais, leva procurar na arte de esculpir a representação do seu divino-protetor. Os espíritos ancestral-protetores são representados por máscaras sagradas, que têm nomes, sexos, função espiritual e território delimitado, obedecem a uma hierarquia bem definida em função da tabanca e responsabilidade sociorreligiosa.

As representações feitas nas produções artísticas estendem para todos os seres da natureza. Canto (2020, p. 54) não exatamente só animais, este tem realmente uma grande importância na produção, mas também produções que derivam da experiência e do convívio dessas populações com o meio e com suas experiências. São misturas de animais (como, os hipopótamos, só bois, os crocodilos, os cães) ou mesmo híbridos de animais com humanos, o que representa muitas vezes as cenas de suas cerimônias, e essa mescla na produção diz muito sobre a importância do cotidiano na produção da cultura material desses sujeitos, (CANTO- 2020, p.55). Da mesma forma que produções como canoas da pesca, casas para viver, agricultura para sobrevivência essas produções fazem parte da vida nas tabancas.

Nas produções artísticas são as máscaras, com suas utilizações em diferentes lugares e de diversos tipos,

distintos nas suas representações. Durante festas e outros momentos comunitários do grupo, sejam cerimônias religiosas ou não, as máscaras são presentes em quase todos os encontros dos bijagós, são pintadas adornam também, seja para momentos de festa, para a guerra ou mesmo para a pesca, (CANTO-2020, p.61).

As máscaras servem como aspecto mais visíveis destas atuações ao mesmo tempo que tem um marco da evidência da maturação em que os indivíduos se encontram. A utilização das máscaras normalmente é nos momentos performativos públicos cuja palavra portuguesa mais próxima seria “teatro”, Botas (2013, p. 27). Estas atuações são verdadeiras performances artísticas, através das quais os protagonistas experimentam sensorialmente os valores e conduta morais que a comunidade exige de si, no caso dos rapazes, a diversidade de máscaras corresponde a diferentes idades. A leveza de umas mimetiza a inexperiência dos mais jovens, os animais que outras recriam e o peso que têm representam a pujança física e a exuberância da juventude ainda indomada, enquanto o posterior despojamento do colorido e da complexidade dos trajes no homem adulto traduz a valorização da sabedoria e poderes rituais próprios dos anciãos, (BOTAS-2013, p.27)

Por meio da utilização dessa máscara, o invisível, o material e o sagrado se instalam entre os rapazes como uma realidade sensível, como um personagem em ação, mas também tem a chamada de atenção pelo enigma que carrega, plantado dentro duma materialidade aberta, suscitando assim admiração estética, ao mesmo tempo que propicia uma aventura do espírito, (OLIVEIRA-2000, p.01). Semedo (2015), para a execução da máscara, matéria-prima e técnica de confecção, diferentemente de outras peças, na confecção do tubarão utiliza-se ferramentas como machado, inxon, catana, formão e faca, algumas vezes, o artesão procura a estrutura dentária do próprio animal para colocar na peça esculpida, na tentativa de procurar ser mais autêntico na sua criação. Mas, quando não é o caso, colocam-se dentes artesanais feitos de tara, depois, fixa-se o suporte ordidja, que é feito com a nervura do caule da bananeira, ou com um pedaço de pano para facilitar a fixação do adorno na cabeça do dançarino, através de uma corda nghodane. A utilidade do tubarão faz parte de um conjunto de máscaras que os kabaro utilizam nos momentos de dança, (SEMEDO-2015, p. 31-32).

Para a realização da pintura é utilizada também como forma de adorno estético e representa também uma forma de escrita pictórica. Uma forma de representar o cotidiano vivido e aquilo que destoa do cotidiano, muitas das pinturas são produzidas com os dedos, outras, dependendo de como se encontram nas paredes, são utilizados palitos que servem como um tipo de pincel. As principais cores são produzidas fazendo diversas misturas, o preto se consegue através da mistura de carvão vegetal com azeite de palma, o branco se faz a partir de terra calcária com água e clara de ovo, o vermelho é um tipo de sépia brilhante que se obtém de uma forma particular, são coletadas partículas que se recolhem da espuma das ondas na beira do mar, essas partículas são secas e misturadas com azeite de palma, (CANTO- 2020, p.60). Os enfeites são na maioria das vezes feitas pelas conchas, colheres, garfos, utensílios do cotidiano são adornados de forma a produzirem um efeito estético para a cabana. Bancos, camas, portas, cabaças todo tipo de objeto que possa ser de alguma forma trabalhado, acaba virando uma pequena obra de arte, se transpormos para a visão urbana ocidental de “obra de arte” (CANTO- 2020, p.56). Produzidos de diversos tamanhos e com objetivos diversos fazem parte da vida cotidiana e são adornados conforme o modelo e o uso a que se destinam.

CONCLUSÕES

Os bijagós ainda são povos pouco conhecido dentre os muitos grupos étnicos que habitam Guiné-Bissau, mas este é um grupo com rica cultura, cujas dinâmicas sociais, históricas, políticas, econômicas imbrincado nos saberes locais passadas de geração em geração, se tornando predominante para qualquer um que busca alcançar mais conhecimentos.

A arte bijagó ganha vida, está presente no cotidiano o dia a dia, a suas produções incluem todas as classes etárias, embora se destaquem uma determina pessoa como especialista, ou seja, grande parte dos sujeitos participam dessas atividades vitais, construção das casas, nos ritos, cerimoniais, das passagens das classes etárias, etc.

As suas artes mostram o cumulo do conhecimento que carrega os saberes fundamentais para embasar artes colocadas a margem, quebrando a dicotomia colocada entre a arte e o artista, mas também fundamental a compreensão de que arte pode ser utilizável, sagrado, e lúcido ao mesmo tempo, o que traz mais significados a obra, o apreciar ao ponto de se perder na profundidade dela, e sem perder a sua sacralização.

A máscara baka-brutu possui inúmeros significados cujo trabalho presente não contemplou na sua totalidade, porém com essa descrição é possível verificar e constatar uma das produções artísticas dos bijagós, a criatividade na criação da obra e a relação com a natureza em todas as facetas presentes artisticamente no cotidiano do arquipélago.

AGRADECIMENTOS

Á Deus pelo dom de vida.

Ao meu orientador, pela dedicação e empenho nessa condução acadêmica.

Á FUNCAP pela bolsa concedida.

REFERÊNCIAS

- BELTING, Hans. "Por uma antropologia da imagem". Concinnitas. Ano 6, volume 1, número 8, julho, 2005.
- BOTAS, A. I. B. As Máscaras Bijagó do Museu Nacional de Etnologia. Questões em torno da informatização do inventário de coleções. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL. Abr-2013.
- CANTO, R. A. Os Bijagós da Guiné-Bissau: Ancestralidade, Cultura Marítima, e Resistência Histórico-cultural. UFRGS, Porto Alegre-2020.
- CARDOSO, F. L.; M. PEREIRA, H. F. & CARDOSO, F. Os Bijagós: Estrutura e funcionamento do poder; 2009.
- DE OLIVEIRA, R. C. O enigma das máscaras. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 281-288, 2018.
- GELL, A. A rede Vogel: armadilhas como obra de arte e obras de artes como armadilhas". In Revista do programa de pós-graduação em artes visuais eba. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- INGOLD, Tim. "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais". In, Horizonte Antropológicos. V18, n37, 2012.
- MUSEU AFRO-BRASIL. BIJAGÓS Arte dos povos da Guiné-Bissau. Secretaria de Estado da Cultura, São Paulo/2008.
- OLIVEIRA, J. P. Máscaras: Objetos étnicos ou recriação cultural? In: Joaquim Paes de Brito. (Org.). Os Índios, nós. 1ed.Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 2000.
- PRICE, Sally. A arte primitiva em centros civilizados. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2000
- SEMEDO, R. J. Inventário sobre Artesanato, Dança e Cantiga Bijagó/ novembro-2015.
- SILVA, Dilma de Melo Por entre as Dórcades encantadas: os Bijagó da Guiné-Bissau- São Paulo: Terceira Margem, 2000.
- WEINER et alli. "Aesthetics is a cross-cultural category". In, Ingold, T. Key Debates in Anthropology. New York: Routledge, 1996. [Tem tradução: Revista Ayé, Edição Especial Traduções, novembro de 2020].